

A MENININHA DO HOTEL METROPOL



LIUDMILA PETRUCHÉVSKAIA

# A menininha do Hotel Metropol

*Minha infância na Rússia comunista*

*Tradução do russo*  
Cecília Rosas



Copyright © 2006, 2009, 2017 by Liudmila Petruchévskaia

Publicado mediante acordo com Banke, Goumen & Smirnova Literary Agency ([www.bgs-agency.com](http://www.bgs-agency.com)).

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Никому не нужна. Свободна

*Capa*

Elisa von Randow

*Ilustração de capa*

Goma Coletivo

*Preparação*

Lígia Azevedo

*Revisão*

Angela das Neves

Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Petruchévskaia, Liudmila

A menininha do Hotel Metropol : minha infância na Rússia comunista / Liudmila Petruchévskaia; tradução do russo Cecília Rosas. — 1ªed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

Título original: Никому не нужна. Свободна

ISBN 978-85-359-3395-5

1. Autoras russas – Século 20 – Memórias – 2. Comunismo – Aspectos sociais – União Soviética 3. Hotel Metropol (Moscou, Rússia) – História – Século 20 4. Moscou (Rússia) – Vida social e costumes 5. União Soviética – História – 1925-1953 1. Título.

10-31527

CDD-891.7803

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias : Escritores : Literatura russa 891.7803

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

# Sumário

A MENININHA DO HOTEL METROPOL	
Começo, 9	
Os Veguer, 12	
Os Iákovlev, 21	
O começo da guerra, 33	
Circunstâncias familiares, 38	
Kuibichev, 40	
Kuibichev/Modos de existência, 46	
Como fui salva, 50	
O circo de Dírov, 54	
Em busca de comida, 57	
As bonecas, 60	
A vitória, 63	
A odo, 65	
A linguagem da corte, 70	
O Teatro Bolchói, 73	
Escada abaixo, 76	
Hibernações literárias, 80	

- Meus concertos/O suéter verde, 83  
O retrato, 86  
A história do pequeno marinheiro, 88  
Outra vida, 93  
O Metropol, 97  
Lénotchka Veguer, 101  
Mamacha, 104  
O acampamento, 107  
Rua Tchékhov/Vovô Kólia, 112  
Tentando caber, 116  
O orfanato, 120  
Quero viver, 126

#### HISTÓRIAS

- Necessária para ninguém, 133  
Campaína-branca, 143  
Groselhas verdes, 156  
Gorila, 176  
O nome do livro, 183  
Cisne Agonizante, 192  
Sánitch, 195  
Como uma flor na alvorada, 208  
Alfinetada no lombo, 223  
O achado, 230  
Música do inferno, 270  
Em lugar de uma entrevista, 293

A MENININHA DO HOTEL METROPOL



# Começo

Quando penso na espécie humana, não a imagino como uma árvore genealógica cheia de galhos. A espécie humana parece uma floresta, ela se estende ao longe — e aparece como uma corrente de pessoas-árvores de mãos dadas. Não sei por quê, mas é assim. Ali, na névoa dos tempos e dos séculos, estão elas, as gerações precedentes, árvores de muitos braços, e cada antepassado está unido, pelos ramos, de um lado a seus pais, do outro a seus filhos. Cada um é pai e ao mesmo tempo filho, e único no mundo. E cada uma é filha de sua mãe e mãe de sua filha ou de seu filho, e ao mesmo tempo uma criatura singular, que não se parece com nenhuma outra. Cada pessoa está só nestas três faces — filho, pai e indivíduo.

Quem está no centro é forte, sustenta os dois lados: tanto os que estão antes quanto os que vieram depois. E esse centro se desloca com os séculos. A pessoa enfraquece, sua força passa para a próxima geração. Sua inteligência e seu conhecimento se vão junto com ela, não há como transmiti-los, mas as qualidades podem passar para os descendentes — a persistência, até uma

obstinação animal diante da possibilidade de ser ferido; a força do espírito; a convicção de que a comida deve ser espartana e a água do banho, gelada; a voracidade nas festas; a discordância das autoridades; a fidelidade às suas posições diante do próprio sofrimento e do sofrimento de pessoas próximas; a sentimentalidade, o amor pela música e pela poesia, e a pouca paciência para bobagens; a feroz sinceridade e a absoluta incapacidade de chegar a qualquer lugar na hora certa; a pureza de intenção, a tendência a ajudar a todos e o ódio pelos vizinhos; o amor pelo silêncio e pelo volume do grito cotidiano; a capacidade de viver sem dinheiro e o gasto desvairado com presentes; a completa bagunça em casa e a exigência rigorosa de que os habitantes limpem sua



*A família Veguer em um passeio em 1912. Minha avó Valentina de blusa branca; atrás dela, meu bisavô Iliá Serguêievitch Veguer (Dêdia) e meu avô Nikolai Iákovlev. Dêdia não gostou quando suas filhas se casaram, isso provavelmente explica sua expressão beligerante.*

sujeira — e um amor ilimitado pelas crianças pequenas, especialmente quando estão dormindo, em toda a sua beleza.

Minha bisavó Ássia morreu de septicemia aos 37 anos, deixando seis filhos. O marido, meu bisavô Iliá Serguêievitch, médico, foi então para o rio. Ele se sentia culpado pela morte da esposa. Cinco filhos correram atrás dele, alcançaram-no na margem e se penduraram no pai, impedindo-o. A mais velha, Vera, carregava a pequena. Enquanto estavam enterrando Ássia, sua filha Válenka, de oito anos, ficava andando atrás do pai como uma sombra, seguindo seus passos e balbuciando: “Vou te seguir pra sempre”. Quase todos entraram para a clandestinidade; meu bisavô era bolchevique, lutava pelos direitos dos oprimidos. Normalmente trabalhava como médico nas fábricas; os doentes, pessoas pobres, vinham aos montes dos povoados e aldeias. Ele nunca recebia dinheiro por fora pelas consultas. Só o salário. Atendia todos os oprimidos por princípio, mas deveria cuidar apenas dos funcionários. Por isso, em geral, era logo demitido, e encontrava trabalho principalmente nas epidemias de cólera e peste — quando aceitavam todos os médicos, até os que já haviam sido condenados.

Eu, logo que comecei a falar, o chamava de Dêdia.

# Os Veguer

Nasci no Hotel Metropol, a segunda Casa dos Sovietes; seus quartos eram ocupados por velhos bolcheviques, entre eles meu bisavô, Dêdia, Iliá Serguêievitch Veguer, membro do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) desde 1898. Também morava ali, desde que se divorciara de N. F. Iákovlev, a filha de I. S. Veguer, minha avó, Valentina Ilínitchna Iákovlev, também do partido desde 1912, com as filhas Vera Nikoláievna e Valentina Nikoláievna, minha futura mãe. Todas três, como convém a um conto de fadas, eram incrivelmente bonitas. O jovem Maiakóvski flertou com vovó Vália, mas ela preferiu o estudante Kólia Iákovlev. A primeira filha deles, Vava (Vera), cresceu e se tornou a moça mais bonita (um sorriso branco, uma linda trança, olhos azul-escuros) da Academia Militar de Veículos Blindados, e minha mãe, desde os catorze anos, como era muito alta, quando saía na rua sempre encontrava cavalheiros querendo acompanhá-la, em especial soldados, ainda mais porque ela respondia ingenuamente às perguntas de como se chamava e onde morava — mas não dizia quantos anos tinha, o que afligia a mãe e a